



A metropolização de Belo Horizonte e sua relação com as áreas verdes e o turismo: Parque das Mangabeiras x Praça Sete

The Metropolization of Belo Horizonte and its Relationship to the Green Areas and Tourism: Parque das Mangabeiras x Praça Sete

Elisa de Assis Rocha

Tiago Tadeu Abjaud

Resumo:

No presente artigo, objetiva-se compreender as mudanças estéticas urbanas ocorridas em Belo Horizonte, graças à diminuição das áreas verdes durante o processo de metropolização da cidade, tendo a Praça Sete de Setembro como referência da impermeabilização e o Parque das Mangabeiras como representante das áreas verdes preservadas. Para isso, realizaram-se pesquisas bibliográficas, observações *in loco* e em fotos dos objetos de estudo, além de entrevistas com moradores locais. Por meio do estudo, identificou-se a existência de várias vantagens em manter e conservar as áreas verdes, pois beneficiam tanto a comunidade autóctone, quanto o turismo. Vale lembrar que, na Praça Sete e no Parque das Mangabeiras, há objetos e formas completamente diferentes e que o ambiente que o Parque das Mangabeiras proporciona pode amenizar a sensação de urbanização da cidade, já que ocorreram várias mudanças na paisagem de Belo Horizonte, como o aumento de áreas construídas e a diminuição de áreas verdes.

Palavras-chave: turismo, Parque das Mangabeiras, Praça Sete, metropolização, áreas verdes

Abstract:

This paper aims to understand the urban aesthetic changes occurred by the Belo Horizonte urban green areas reduced during the expansion of the city, with the Praça Sete de Setembro as a reference for waterproofing and Parque das Mangabeiras as a representative of the green areas preserved. For this were made literature searches, site and pictures observations of the objects of study, and interviews with local residents. With the study were identified that there are several advantages in maintaining and preserving the green areas that benefit the autochthonous community, and can also affect tourism; the Praça Sete and the Parque das Mangabeiras have completely different objects and forms and the environment that the Parque das Mangabeiras provides may lessen the feeling of urbanization of the city; and there were several changes in the landscape of Belo Horizonte, as the expansion of the built areas and the reduction of green areas.

Key words: *tourism, Parque das Mangabeiras, Praça Sete, metropolization, green areas*

1. Introdução

A cidade de Belo Horizonte foi escolhida para ser a capital de Minas Gerais em substituição a Ouro Preto, sendo a primeira cidade planejada do Brasil. Com o passar dos anos, foi aumentando cada vez mais a área urbana, causando impermeabilização do solo e diminuição das áreas verdes na cidade. Hoje, com mais de um século de vida, Belo Horizonte tornou-se uma grande metrópole e, conseqüentemente, em razão do contínuo crescimento da cidade, passaram a surgir várias conseqüências, o que torna necessário o aumento das áreas verdes como uma opção para a diversificação da paisagem urbana, diante da intensa urbanização das cidades na era industrial.

As áreas verdes ajudam a diminuir as conseqüências da expansão urbana, melhorando assim a qualidade de vida nas cidades. Há uma série de benefícios proporcionados pelas áreas verdes nas cidades: melhora a composição atmosférica urbana e o equilíbrio solo-clima-vegetação, atenua os níveis de ruído e recupera a estética urbana. Tais questões serão detalhadas no decorrer do artigo (LOBODA; ANGELIS, 2005).

As áreas verdes urbanas podem também influenciar no fluxo de turistas de uma determinada cidade, pois, segundo DIAS (2007), preservadas, são ótimos atrativos de um número cada vez maior de turistas apreciadores da natureza.

Os objetos de estudo deste artigo são dois ambientes distintos: a Praça Sete de Setembro e o Parque Municipal das Mangabeiras. A Praça Sete, localiza-se no hipercentro de Belo Horizonte, no cruzamento das avenidas Afonso Pena e Amazonas, duas das principais avenidas

da cidade, e apresenta um solo totalmente impermeabilizado. É representada por um obelisco, mais conhecido como “Pirulito”, que foi criado para comemorar o centenário da Independência do Brasil. Também é considerada um marco referencial da cidade e foi a partir dela que Belo Horizonte se tornou um centro regional, caminhando para tornar-se a futura metrópole (BELO-TUR, 2011; MONTE-MÓR, 1994).

Já o Parque das Mangabeiras está localizado ao pé da serra do Curral, no bairro Mangabeiras, região sul de Belo Horizonte e, segundo o MTur (2010), é a maior área verde da cidade, com 2,3 milhões de metros quadrados. O local é uma boa alternativa para a população entrar em contato com o ambiente natural, contemplar a paisagem, além de refletir e aliviar o *stress* do dia a dia. No Parque, há vastas e variadas flora e fauna, além de diversos espaços para lazer, descanso e prática de esportes, várias atividades culturais, trilhas com subidas fortes e um mirante com vista para a cidade, recebendo todo mês cerca de trinta mil visitantes (PBH e FMP, 200-a; MTUR, 2010).

Segundo Santos (2004), o homem passou a viver apenas para o trabalho, não enxergando o espaço como um atrativo, e sim como um produto que pode ser comercializado. Percebe-se que as pessoas não conseguem enxergar que a cidade está-se tornando cada vez mais um espaço artificial, porque cada vez são mais raras áreas verdes no ambiente urbano e, quando existem, estão ficando encobertas pelas edificações (LOBODA *apud* SANTOS, 1997).

Apenas comparando fotos antigas com atuais, consegue-se perceber que a quantidade de áreas verdes de Belo Horizonte diminuiu drasticamente. E o artigo poderá servir para sensibilizar a população sobre a importância da preservação e conservação dessas áreas e quais as mudanças estético-urbanas decorrentes da degradação.

Por meio do artigo, objetiva-se determinar as vantagens da manutenção e conservação das áreas verdes para a população e para o turismo; comparar a Praça Sete de Setembro, representando a impermeabilização de Belo Horizonte, com o Parque das Mangabeiras, representando as áreas verdes da cidade; identificar como o Parque das Mangabeiras pode amenizar a sensação de urbanização de Belo Horizonte; e identificar alguns dos objetos e formas da paisagem de Belo Horizonte durante o processo de expansão da cidade.

Dessa forma, com o presente estudo pretende-se identificar quais as mudanças ocorridas entre os objetos e as formas espaciais da Praça Sete e do Parque das Mangabeiras durante o processo de metropolização de Belo Horizonte e qual a diferença da paisagem entre os dois espaços, além de identificar como a manutenção e a conservação das áreas verdes podem influenciar no fluxo de turistas de Belo Horizonte.

2. Processo de metropolização de Belo Horizonte

O sonho de construir uma nova capital para Minas Gerais existia desde a época da Inconfidência Mineira e, com a Proclamação da República, no final do século XIX, aconteceu o momento adequado para a realização desse projeto. Vila Rica, atual Ouro Preto, refletia o período de exploração e de imperialismo ocorrido, não se adequando aos ideais de modernidade que estavam sendo planejados. Além disso, Minas Gerais era o estado mais populoso da República, e Ouro Preto era muito pequena, de difícil acesso, sem muita possibilidade de crescer e tornar-se uma grande metrópole. Em 17 de dezembro de 1893, decidiu-se que iria ser feita a mudança de capital para a localidade de Curral Del-Rei, que receberia o nome de “Cidade de Minas”, que o engenheiro Aarão Reis iria coordenar a comissão de construção e teria o prazo máximo de quatro anos até a inauguração (POLASTRI; PEIXOTO, 1985; BELOTUR, 2010).

O prazo foi cumprido e, no dia 12 de dezembro de 1897, a cidade de Minas foi inaugurada pelo presidente do estado, Crispim Jacques Bias Fortes. O primeiro prefeito da capital foi o Dr. Adalberto Ferraz. Somente no dia 12 de junho de 1901, o nome Belo Horizonte foi reconhecido legalmente, pela lei sancionada pelo presidente Silviano Brandão. Inicialmente, na cidade, havia cerca de quinhentas casas residenciais, de comércio e de indústria, das quais, aproximadamente, duzentas eram propriedades de funcionários públicos, trazidos de Ouro Preto com alguns benefícios (POLASTRI; PEIXOTO, 1985). Criou-se para Belo Horizonte uma topografia artificial, com o objetivo de dar uma melhor visibilidade para seus eixos e destacar os edifícios, forçando, assim, o ambiente a acompanhar a concepção urbanística adotada (MONTE-MÓR, 1994).

Os espaços foram ocupados principalmente a partir de topos e linhas de meia encosta, deixando os vales desocupados — nestes, quando necessária a utilização das terras em estoque da nova metrópole e de eixos viários para deslocamentos rápidos, foram construídas as grandes vias articuladoras. As áreas de topografia acidentada, instáveis, além daquelas situadas em fundos de vales, que eram consideradas inadequadas às tipologias dos edifícios destinados à população de classe média ou à instalação de atividades nobres, foram ocupadas pela população de baixa renda (MONTE-MÓR, 1994).

A população de Belo Horizonte cresceu aceleradamente e, como o custo dos lotes na avenida do Contorno era muito alto, a população trabalhadora, excluída do ambiente central da cidade, ocupou, a princípio, os espaços da periferia até chegar ao centro, deixando grandes espaços vazios na área central, o oposto do que foi planejado para o crescimento da cidade (POLASTRI; PEIXOTO, 1985; MARQUES, 2001; MONTE-MÓR, 1994).

Cresceu também o número de indústrias na cidade, e, por incentivo municipal e diminuição dos impostos, o governo estadual facilitou a abertura de várias delas. Em 1912, já existiam na

capital três indústrias têxteis, três metalúrgicas, uma gráfica, tendo todas elas recebido apoio da Prefeitura (POLASTRI; PEIXOTO, 1985). E, na primeira década do século XX, Belo Horizonte já era o segundo polo têxtil da província (MATOS *apud* MONTE-MOR, 1994).

Na década de 1930, em Belo Horizonte, havia uma pequena área industrial periférica que não atendia às necessidades de expansão da indústria mineira. Assim, foi criada a Cidade Industrial de Contagem, com o objetivo de complementar o projeto de modernidade de Minas Gerais (MONTE-MÓR, 1994).

Segundo o mesmo autor, nas décadas de 1940 e 1950, Belo Horizonte industrial foi-se consolidando como o centro de Minas Gerais. E, assim, a cidade expandiu-se rapidamente, tanto na direção da Cidade Industrial e de seus bairros operários, como também das áreas residenciais e de lazer destinadas às elites, como a Pampulha.

Durante as décadas de 1960 e 1970, com o rápido crescimento da população brasileira, foram surgindo em Belo Horizonte bairros cada vez mais distantes da área central, além de "loteamentos clandestinos e periféricos, formação de cidades dormitórias para a classe trabalhadora, cortiços e favelas — na maioria, sem ou com quase nenhuma infraestrutura" (MARQUES, 2001, p. 115). Assim, rapidamente, Belo Horizonte transformou-se em uma metrópole, tornando-se a terceira maior cidade do Brasil, com cerca de 2,3 milhões de habitantes (IBGE 2000) e com a periferização da população pobre nas áreas urbanas (BELOTUR, 2010; MARQUES, 2001).

Em Belo Horizonte, há uma região metropolitana com 34 municípios, todos em contínuo desenvolvimento (BELOTUR, 2010). Durante esse processo, houve várias consequências, por causa do contínuo crescimento da cidade.

3. A metropolização e suas consequências

Segundo Scarlato (1998), metrópole é somente o lugar que cresce para além do perímetro da cidade, absorvendo aglomerados rurais e outras cidades, fenômeno chamado de conurbação. Além disso, deve existir um centro histórico onde se concentram as atividades de serviços e, com base nesse centro, os subcentros. A metrópole torna-se um único espaço edificado originado da conurbação, porém com várias administrações político-administrativas. E deve ter também um fluxo pendular atravessando mais de uma cidade, com dois picos de maior intensidade no tráfego de veículos, normalmente no período da manhã e no final da tarde.

Belo Horizonte encaixa-se nas características afirmadas pelo autor citado. Há mais de uma década não existem mais espaços para a expansão da cidade, por causa dos "níveis de saturação da ocupação urbana". Com isso, até mesmo a "construção vertical" vem-se expandindo

cada vez mais, como uma alternativa para a falta de espaço. E, em 1973, foi criada a região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), que, em razão da conurbação, vem crescendo demograficamente mais que Belo Horizonte (MATOS, 2003).

Uma das consequências da metropolização é que, à medida que o homem vai evoluindo, ele e o espaço vão ficando alienados e tornando-se mercadorias, pois não produzem mais para suprir as necessidades básicas dos habitantes. O homem passou a viver apenas para o trabalho, não enxergando o espaço como um atrativo e sim como um produto que pode ser comercializado (SANTOS, 2004).

Loboda (*apud* LOBODA; ANGELIS, 2005, p. 129) concorda com essa afirmação, dizendo que os problemas econômicos políticos, sociais e culturais das cidades estão fazendo com que o “fenômeno urbano”, que está em ritmo acelerado, se torne um destino incerto. Transformando, assim, as ciências em força produtiva e o espaço urbano em mercadoria.

As cidades crescem, o espaço fica escasso, e mais desunidas e distantes tornam-se as pessoas, pois o mesmo espaço que, pelo processo produtivo, une os homens é o mesmo que, pela raridade e divisão de classes, os separa (SANTOS, 2004).

O ser humano deixou de ver a natureza como modelo de beleza, pois abandonou a emotividade e o “orgulho da arquitetura do passado” e passou a utilizar-se da arquitetura funcional, modificando o espaço com o objetivo de comercialização do local (SANTOS, 2004).

4. Parques urbanos e sua função nas cidades

Com o crescimento das grandes cidades e o aparecimento de todas as consequências citadas, surge a necessidade da criação dos parques urbanos, pois protegem os recursos naturais e oferecem à população opções de conforto e lazer (FPM, 2010a). Vale lembrar que foram criados no Brasil em razão da necessidade de espaços destinados ao descanso e à descontração diante da intensa urbanização das cidades na era industrial. Nesse período, os parques serviam como locais de contemplação campestre e exibição de dotes (PBH e FMP, 200-a).

Durante o século XX, os parques passaram a ter novas funções, como a prática de esportes, lazer, diversificação da paisagem urbana e educação ambiental (PBH e FMP, 200-a). Segundo Loboda e Angelis (2005), como nas áreas verdes urbanas há espaços dedicados ao lazer, ao paisagismo e à preservação ambiental ocorre a melhoria da qualidade de vida da população.

Loboda e Angelis — citando Grey; Deneke (1978), Llardent (1981), Cavalheiro (1990), Di Fidio (1990), Lombardo (1990), Milano; Dalcin (2000), Sirkis (2000), Rivail Vanin (2001) — destacaram os principais benefícios das áreas verdes urbanas:

Composição atmosférica urbana:

- Redução da poluição por meio de processos de oxigenação — introdução de excesso de oxigênio na atmosfera.
- Purificação do ar por depuração bacteriana e de outros microorganismos.
- Ação purificadora por reciclagem de gases em processos fotossintéticos.
- Ação purificadora por fixação de gases tóxicos.
- Ação purificadora por fixação de poeiras e materiais residuais.

Equilíbrio solo-clima-vegetação:

- Luminosidade e temperatura: a vegetação, ao filtrar a radiação solar, suaviza as temperaturas extremas.
- Enriquecimento da umidade por meio da transpiração da fitomassa (300- 450ml de água/metro quadrado de área).
- Umidade e temperatura: a vegetação contribui para conservar a umidade dos solos, atenuando sua temperatura.
- Redução na velocidade dos ventos.
- Manutenção da permeabilidade e da fertilidade do solo.
- Diminuição do escoamento superficial de áreas impermeabilizadas em razão da presença de vegetação em ambientes urbanos, embora somente parte da pluviosidade precipitada possa ser interceptada e retida por espaços vegetados.
- Abrigo à fauna existente.
- Influência no balanço hídrico.

Atenuante dos níveis de ruído:

- Amortecimento dos ruídos de fundo sonoro contínuo e descontínuo de caráter estridente, ocorrente nas grandes cidades.

Melhoria da estética urbana:

- Transmissão de bem-estar psicológico, em calçadas e passeios.
- Quebra da monotonia da paisagem das cidades, causada pelos grandes complexos de edificações.
- Valorização visual e ornamental do espaço urbano.

Caracterização e sinalização de espaços, constituindo-se em um elemento de interação entre as atividades humanas e o meio ambiente.

A conservação e a preservação das áreas verdes urbanas são de fundamental importância para o equilíbrio do meio ambiente e para o bem-estar da comunidade autóctone¹. Foi pensando nisso que surgiu a ideia da criação do Parque Municipal das Mangabeiras, um dos objetos de estudo do presente artigo.

5. O Parque das Mangabeiras

No ano de 2005, a Prefeitura de Belo Horizonte criou a Fundação de Parques Municipais — FPM —, com o intuito de conservar a qualidade de vida da cidade e a beleza de suas áreas verdes. A instituição administra e mantém 69 parques da cidade, que somam uma área total de, aproximadamente, 8,6 milhões de metros quadrados, onde se encontra grande parte do patrimônio ambiental de Belo Horizonte (FPM, 2010b).

Um dos parques que a FPM administra é o Parque Municipal das Mangabeiras. No século XIX, no início da construção da cidade, a área onde hoje é o Parque pertencia à Fazenda do Capão e, no início da década de 1960, o espaço foi cedido à mineradora Ferro Belo Horizonte S.A. (Ferrobel), para a exploração de minério de ferro. A Ferrobela ocupava os espaços onde hoje se localiza o estacionamento Sul, a Praça do Britador e a Praça das Águas (FPM, 2010c).

Com a finalidade de preservar a serra do Curral e a reserva florestal existente no local, além de criar uma nova área de recreação para a cidade, no dia 14 de outubro de 1966, por meio do Decreto n.º 1.466, foi criado o Parque das Mangabeiras. Em 1974, foi autorizada a implantação do Parque, por meio da Lei n.º 2.403, com projeto paisagístico de Roberto Burle Marx e, em 1979, a Ferrobela foi desativada (*idem*).

Somente no dia 13 de maio de 1982, o Parque das Mangabeiras foi inaugurado, sob a administração da Empresa Municipal de Turismo, Belotur. E, em 1983, o Parque passou a funcionar com estrutura administrativa própria, por meio do Decreto n.º 4.539, passando a ser administrado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e, em 1989, pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Saneamento. Em janeiro de 2005, o Parque das Mangabeiras passou a ter a administração da Fundação de Parques Municipais, que é vinculada à Secretaria Municipal de Políticas Urbanas.

O Parque das Mangabeiras está localizado ao pé da serra do Curral, eleita pela população como símbolo de Belo Horizonte. O projeto paisagístico é de Roberto Burle Marx, com

¹ Comunidade local; os moradores daquela localidade; aquele que é natural de uma dada região.

um total de 2.815.00m² de área verde preservada, de mil a 1.300 metros de altitude, com um ponto culminante — o Pico Belo Horizonte — que chega a 1.389m. A área abriga 21 nascentes do córrego da Serra e o solo é formado por itabirito (minério de ferro), dolomito, quartzito e filito (PBH e FMP, 200-b).

Nas partes mais altas da serra, a vegetação é composta por campos rupestres e campos de altitude, onde há predominância de gramíneas, canelas de ema e algumas espécies de orquídeas. Há, também, campo cerrado, que é típico de solos mais ácidos e ocupa grande parte da área do Parque, onde podem ser encontradas espécies como o pau-santo, barbatimão, candeia, caviúna e a mangaba, fruto que deu origem ao nome da região. Encontra-se, também, mata de galeria, nos fundos dos vales, nas áreas mais próximas dos cursos de água, onde se concentra uma grande quantidade de solo fértil, o que favorece uma vegetação de grande porte, como o jacarandá, o vinhaço, o jequitibá e a quaresmeira, eleita como símbolo de Belo Horizonte (PBH e FMP, 200-b).

No Parque das Mangabeiras, encontram-se diversos espaços para lazer, descanso e prática de esportes, além de vários recantos naturais, praças, quadras, playground, teatro de arena com muitas atividades culturais e, com isso, são recebidos todos os meses cerca de trinta mil visitantes, entre belo-horizontinos e turistas (PBH e FMP, 200-b).

6. A Praça Sete

A Praça Sete, localizada no cruzamento das avenidas Afonso Pena e Amazonas, duas das principais avenidas de Belo Horizonte-MG, foi projetada pelo engenheiro Aarão Reis, no final do século XIX. Em 1940, o local se chamava praça Doze de Outubro em homenagem à provável data do descobrimento da América por Cristóvão Colombo. Em 1922, passou oficialmente a chamar-se Praça Sete de Setembro, em razão das comemorações do centenário da Independência do Brasil (MONTE-MÓR, 1994; PBH, 2011).

A praça é representada por um obelisco, monumento conhecido como “Pirulito”. Esse obelisco, feito de granito, foi criado para comemorar o centenário da Independência do Brasil e inaugurado no dia 7 de setembro de 1924 (*idem*).

No início do século XX, foram plantadas centenas de árvores da espécie *Ficus benjamina* na avenida Afonso Pena que rodeavam também o “Pirulito”. Os frondosos fícus foram plantados em duas fileiras paralelas e ocupavam grande parte dos cinquenta metros de largura da avenida (DUARTE, 2007).

Segundo a mesma autora, no início dos anos 1960, instalou-se uma forte praga de insetos nas árvores e, em 1962, a Prefeitura de Belo Horizonte decidiu eliminar os fícus, alegando necessidade de melhorar o trânsito no local.

Em 1963, por decisão do prefeito Amintas de Barros, o obelisco foi transferido para a praça Diogo de Vasconcelos, mais conhecida como praça da Savassi. O “Pirulito” foi substituído por um “monumento quadrangular, com bustos de vários mineiros ilustres” e só retornou ao local de origem 17 anos depois, após o término das obras de modernização da Praça Sete (PBH, 2011; DUARTE, 2007, p. 35).

Em 2003, a praça foi reformada e passou a integrar o acervo operacional do Museu Histórico Abílio Barreto². Na revitalização, cada um dos quatro quarteirões da Praça Sete foi fechado e projetado por diferentes grupos de arquitetos. Os quarteirões receberam espaços para abrigar floristas e engraxates, além de um anfiteatro, um largo central e uma tribuna para manifestações e ganharam nomes de tribos indígenas que vivem em Minas Gerais: Pataxó, Kenak, Xacriabá e Maxakali (PBH, 2011).

A praça é considerada um marco referencial da cidade e foi a partir dela que Belo Horizonte se tornou um centro regional, caminhando para ser a futura metrópole. Atualmente, há um grande fluxo de pessoas passando pela Praça Sete todos os dias da semana, além do trânsito intenso, independente de horário (*idem*).

7. Metodologia

O trabalho em tela foi desenvolvido na forma de estudo de caso, que “é o estudo profundo e exaustivo de determinados objetos ou situações. Permite o conhecimento em profundidade de processos e relações sociais” (DENKER, 1998, p. 127). Foi realizada uma pesquisa não probabilística qualitativa, descritiva e correlacional, desenvolvida em três fases:

1.^a Fase: Pesquisa bibliográfica

Inicialmente, fez-se uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Denker (1998), é aquela desenvolvida com base em material já elaborado, como livros e artigos científicos. E, além disso, utilizaram-se também sites institucionais da Prefeitura de Belo Horizonte e da Empresa Municipal de Turismo da cidade (Belotur).

Pela pesquisa, busca-se determinar as vantagens da manutenção e conservação das áreas verdes para a população e para o turismo e identificar como o Parque das Mangabeiras pode amenizar a sensação de urbanização de Belo Horizonte.

² Instituição que guarda parte significativa da história de Belo Horizonte.

2.^a Fase: *Observação*

Em seguida, fez-se uma observação sistemática não participante no Parque das Mangabeiras e na Praça Sete, para que fosse feita uma comparação entre os objetos e as formas dos dois espaços nos dias atuais e, assim, identificar a diferença na paisagem.

Segundo Rodrigues (2006, p. 61) “[...] observar é aplicar atentamente os sentidos a um objetivo para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”. É a busca deliberada, realizada com cautela e imparcialidade por parte do pesquisador, em contraste com as percepções do senso comum (FACHIN, 2005). A observação sistemática é também chamada de observação estruturada, planejada ou controlada, em razão do fato de vislumbrar a resposta a propósitos pré-estabelecidos (MARCONI; LAKATOS, 2005).

Para a observação dos espaços durante o processo de metropolização de Belo Horizonte, realizou-se uma pesquisa documental de fotos e imagens antigas no Arquivo Público de Belo Horizonte, na Fundação de Parques Municipais e na Internet, para fazer-se uma comparação.

Analisaram-se três imagens de cada ambiente. Na Praça Sete, observaram-se imagens datadas de 1905, 1948 e 2011; e, no Parque das Mangabeiras, uma imagem com data desconhecida, que mostra a área antiga onde seria construído o Parque, outra datada de 1981 e mais outra de 2011.

Os objetos são os elementos existentes na Praça Sete e no Parque das Mangabeiras que, neste artigo, foram analisados: solo, áreas verdes, pessoas, construções e carros. E as formas são o modo como estão localizados no espaço.

3.^a Fase: *Entrevista*

De acordo com Denker (1998), “a entrevista é uma comunicação verbal entre duas pessoas ou mais, com um grau de estruturação previamente definido, cuja finalidade é obtenção de informação de pesquisa [...]”

Nessa fase, utilizaram-se quatro entrevistas semiestruturadas, em que, segundo Santos e Candeloro (2006), existem perguntas previamente elaboradas, além de outras surgidas após as respostas e expressões dos entrevistados. Eis como se realizaram:

- *Uma entrevista com representante da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (que não retornou com as respostas da entrevista que lhe fora enviada por e-mail).*
- *Outra com representante da Secretaria Municipal de Desenvolvimento (que também não retornou com as respostas das perguntas enviadas por e-mail).*
- *Outras quatro com moradores de Belo Horizonte — dois localizados no Parque das Mangabeiras e dois na Praça Sete.*

-
- *Os quatro belo-horizontinos entrevistados conhecem tanto o Parque das Mangabeiras como a Praça Sete e estão assim indicados:*
 - *Entrevistado 1: Um senhor que mora em Belo Horizonte há 57 anos.*
 - *Entrevistada 2: Uma mulher que mora em Belo Horizonte há 24 anos.*
 - *Entrevistado 3: Um homem que mora em Belo Horizonte há 35 anos.*
 - *Entrevistado 4: Um homem de 26 anos que mora em Belo Horizonte há 12 anos.*

Os entrevistados 1 e 2 foram abordados na Praça Sete e os entrevistados 3 e 4 no Parque das Mangabeiras. Objetiva-se, por meio das entrevistas, o ponto de vista de pessoas ligadas tanto ao Parque das Mangabeiras, quanto à Praça Sete para complementar as informações obtidas nas etapas anteriores.

8. Parque das Mangabeiras x Praça Sete

No final do século XX, houve um aumento do interesse das populações de países desenvolvidos pela melhoria da qualidade de vida, fazendo com que o ambiente natural se tornasse um atrativo cada vez maior. Isso acontece porque as áreas verdes são o oposto do cotidiano das pessoas. As áreas urbanas apresentam uma “vegetação pobre ou pouco diversificada” e, além disso, os moradores dos centros urbanos vivem em uma atividade cotidiana estressante e passam a demandar serviços que atendam às suas necessidades mínimas: tranquilidade, ambiente saudável, despreocupação com as coisas menores do cotidiano e contato com a natureza. Assim, atualmente, “o turista está cada vez mais exigente com a qualidade ambiental da localidade visitada” (DIAS, 2007, p. 16 e 17).

Quando questionados em relação à preservação e conservação das áreas verdes nos centros urbanos, houve um senso comum na resposta: os quatro entrevistados acham-na muito importantes. Em relação ao motivo de ser muito importante, o Entrevistado 3 acredita que “é a área verde que nos proporciona um oxigênio melhor e nos proporciona a chuva, tornando a poluição menos densa”.

O Entrevistado 4 afirma que, “se não preservarmos a natureza, com o tempo não vamos ter mais onde passear”. Já os outros dois voluntários falaram sobre a valorização visual e ornamental do espaço urbano. A Entrevistada 2 disse que é importante preservar o meio ambiente natural “porque as áreas verdes nos proporcionam um ambiente mais agradável, em questão de beleza, e mais fresco. Pois as árvores filtram o ar, que está superpoluído por causa da quantidade de carros de Belo Horizonte”. E o Entrevistado 1 afirmou que é importante “porque a área verde traz um aspecto melhor para a vista e também para impressionar turistas”.

Dias (2007), citando um documento do IBAMA/GTZ (1997), afirma que, quando a comunidade local percebe os benefícios proporcionados pelas áreas verdes preservadas, passa a colaborar mais com a preservação e a conservação desses locais.

As áreas verdes diminuem os efeitos ocasionados pelo aumento da densidade populacional dos ambientes urbanos e, assim, melhoram a qualidade de vida nas cidades. Isso acontece por causa da diminuição da temperatura, em razão dos ventos, do sombreamento que as árvores proporcionam, da absorção das partículas de poeira, do aumento da umidade e da diminuição da poluição sonora (FEIBER *apud* RODRIGUES; PBH e FMP, 200-a).

Ajudam também na preservação dos recursos naturais, por meio da preservação da flora nativa, garantindo a manutenção e o aumento da diversidade, a qualidade genética de populações e ambientes que possibilitam a sobrevivência, permanência, alimentação e desenvolvimento da fauna da região (PBH e FMP, 200-a). Além disso, as áreas de solos permeáveis, ao contrário do ambiente construído das cidades, são de grande importância para a recarga dos lençóis freáticos e proteção dos mananciais, conservando os recursos hídricos (FPM, 2010a).

Segundo Dias (2007), um bom motivo para conservar as áreas verdes é a possibilidade de exploração da rica biodiversidade do local para o turismo. E todos os entrevistados afirmaram que a aparência proporcionada pelas áreas verdes à cidade pode afetar o fluxo de turistas que visitam Belo Horizonte, porque as pessoas, quando vão a alguma cidade, não querem ver prédios e carros por todos os lados. Querem ver uma cidade bonita e coisas diferentes. E as árvores dão ao local um aspecto mais agradável de se ver, que pode chamar a atenção de turistas.

As áreas verdes urbanas contribuem muito para a qualidade de vida nos centros urbanos. Valorizam a estética do lugar e promovem um ótimo ambiente para as atividades da comunidade, “criando importantes espaços e oportunidades de recreação e educação”, além de atraírem os investimentos e o turismo (GANGLOFF *apud* HILDEBRAND; GRAÇA, 2001, p. 76).

Nas áreas verdes preservadas, oferecem-se atrativos únicos e exclusivos que, nos próximos anos, poderão fascinar muitos apreciadores da natureza. Além disso, em todo o mundo, um número cada vez maior de turistas procura as Áreas Naturais Protegidas³ e a tendência é que esse fluxo de visitantes aumente ainda mais (DIAS, 2007).

Fazendo-se uma observação *in loco*, verificou-se que, na Praça Sete, o ambiente é muito agitado e ruidoso. No local, só se escutam barulhos de carros passando, misturado com várias pessoas conversando ao mesmo tempo, de *skates*, de músicas de bares, restaurantes e lojas...

Os Entrevistados 2 e 3 concordam com o fato de que a Praça Sete é um lugar barulhento, onde há um grande fluxo de veículos e trânsito intenso. A Entrevistada 2 ainda acrescenta

³ Conjunto de áreas naturais protegidas de relevante importância ecológico-social, pertencentes à nação, que, ordenadamente relacionados entre si e através de sua proteção e manejo, contribuem para a concretização de certos objetivos de conservação e, por sua vez, para o desenvolvimento sustentável da nação (MOORE; OMARZÁBAL, 1988, p. 2).

que o ambiente é “claustrofóbico”, pois passam muitas pessoas ao mesmo tempo, no mesmo lugar. E o Entrevistado 4 concorda com o que foi dito, quando resume afirmando que o ambiente é agitado.

Há pessoas que acham o contrário, como é o caso do Entrevistado 1 — um senhor que mora em Belo Horizonte há 57 anos e frequenta a Praça para encontrar os amigos — que acha a Praça Sete um lugar tranquilo.

De segunda a segunda, o vaivém de pessoas não para. O trânsito é sempre intenso, independentemente do horário. Por ali, passam todas as tribos, todas as classes, todos os tipos. Marco zero do hipercentro de Belo Horizonte, a Praça Sete está no cruzamento das principais avenidas da cidade — Afonso Pena e Amazonas. É o coração da cidade, o centro nervoso da capital mineira (PBH, 2011).

Os voluntários foram questionados também sobre qual a sensação que o ambiente lhes proporciona quando estão na Praça Sete e no Parque das Mangabeiras. Ao responderem, três dos entrevistados afirmaram que se sentem incomodados em razão do agitação da Praça Sete. E todos os entrevistados responderam que o Parque das Mangabeiras transmite uma sensação de paz e tranquilidade. O Entrevistado 1 ainda complementa ao afirmar que, “quando as pessoas vão nervosas para lá, voltam tranquilas para casa”.

Segundo Nuci (*apud* BENINI, 2009), as áreas verdes proporcionam um ambiente agradável, que afasta a “angústia” da cidade e possibilita às pessoas uma integração com a natureza. Essas áreas também atenuam os sentimentos de opressão e de distúrbios psicológicos, além de aprimorar o censo estético e o sentimento de tranquilidade e harmonia com o meio que o circula (OLIVEIRA; FERREIRA *apud* QUADROS; FREI, 2009).

Na Praça das Águas, localizada na entrada do Parque das Mangabeiras, há uma mistura de sons. Escutam-se ruídos de carros e ônibus chegando e saindo, e mais os sons da natureza. Ao adentrar o Parque, mais o ambiente vai ficando tranquilo e silencioso.

Foram unânimes as respostas dos entrevistados quando questionados sobre a opinião deles em relação ao ambiente do Parque das Mangabeiras: os quatro voluntários disseram que o Parque apresenta um ambiente calmo e tranquilo. Em depoimento, afirmou a Entrevistada 2: “[O parque] é um lugar onde eu sinto uma paz, onde eu posso esquecer dos meus problemas, da barulheira dos carros passando pelas ruas da cidade. É um lugar onde eu posso ir pra me desestressar”. E o Entrevistado 3 declarou que o Parque das Mangabeiras “é um lugar que se pode ir para meditar e colocar os pensamentos em ordem, em dia, relaxar, esquecer os problemas”.

As “plantas amenizam os ruídos, pois as barreiras vegetais desviam o som para longe dos ouvintes e refletirão o ruído para sua fonte uma vez que encontre os ângulos adequados em

relação à sua origem. Se o ruído passa através ou ao redor da vegetação, será refratado e, em consequência, dissipado” (L. MASCARÓ; J. MASCARÓ, 2005, p. 53).

Segundo Detzel (*apud* OLIVEIRA, 1996, p. 12):

Mesmo barreiras de vegetação de pequeno porte (dois metros), as quais não operam eficientemente como barreira acústica, têm um efeito psicológico benéfico, pelo isolamento visual da fonte geradora de ruído, além de proporcionarem a sensação de privacidade.

Desde a época da inauguração de Belo Horizonte, o solo da Praça Sete já era semi-impermeabilizado. A diferença foi que, com o passar dos anos, as ruas e avenidas do local deixaram de ser de terra batida e passaram a ser asfaltadas, tornando-se, assim, completamente impermeabilizadas.

Na Imagem 1, pode-se verificar que, em 1905, o solo era totalmente sem asfalto e com pouca vegetação. Os únicos pontos verdes no local eram algumas árvores espalhadas pela Praça e outras enfileiradas na avenida.

Imagem 1: Praça Sete de Setembro — 1905



Fonte: Acervo Arquivo Público de Belo Horizonte. Autor: José Goes.

Na imagem, não aparecem pessoas ou carros, indicando que o ambiente era tranquilo. Existiam poucas casas, todas baixas, o que possibilitava a visão de toda a extensão da serra do Curral.

No início do século XX, foram plantadas centenas de árvores da espécie *Ficus benjamina* em toda a extensão da avenida Afonso Pena e na Praça Sete (DUARTE, 2007). Em 1948, o solo continuava impermeabilizado, e as árvores eram podadas e alinhadas, como pode ser observado na Imagem 2:

Imagem 2: Avenida Afonso Pena e Praça Sete — 1948



Fonte: Acervo Arquivo Público de Belo Horizonte. Autor: José Goes.

O ambiente ainda é tranquilo, com poucas pessoas passando pela Praça Sete. Construíram-se duas plataformas de abrigo para esperar os bondes, que circulam o “Pirulito”. Nessa época, já existiam alguns carros estacionados na avenida Afonso Pena que passavam pela Praça. Há também alguns prédios mais altos, próximos à Praça Sete, que impedem a visualização completa da serra do Curral.

Uma bonita praça bem no centro da cidade é a Praça Sete de Setembro, em 1948. Arborizada, com o pirulito ao centro e muita tranquilidade. Não só na Praça, mas nos seus arredores: avenida Afonso Pena, avenida Amazonas, rua Espírito Santo, etc. onde o trânsito também era calmo. Devido ao pequeno movimento, os carros ainda estacionavam na posição de noventa graus (JORNAL DA CIDADE, 1990).

Atualmente, como lembra o Entrevistado 1, já não existem mais as “árvores frondosas” na Praça Sete (Imagem 3). Os fícus foram cortados em 1962, como já foi dito anteriormente (DUARTE, 2007). Hoje, o solo da Praça Sete é totalmente impermeabilizado, inclusive onde as árvores estão plantadas, pois foi colocada uma grade tampando as raízes. As avenidas são asfaltadas, e o solo, nos quarteirões fechados, é completamente cimentado. Com exceção do quarteirão Maxacali, no local existe um grande quadrado onde a terra aparece ao pé da maior árvore, onde não se colocou grade, há somente algumas pedras em volta.

Imagem 3: Praça Sete de Setembro — 2011



Fonte: Google Maps.

Em relação às áreas verdes, somente em um dos quarteirões da avenida Amazonas há uma concentração de árvores. Nos outros quarteirões da Praça Sete, existem poucas árvores isoladas no local.

Nos dias úteis, há um grande número de pessoas passando pela Praça Sete, a maioria com pressa. Ao contrário dos finais de semana, em que a Praça é muito tranquila, poucas pessoas passam pelo lugar e a maioria o faz tranquilamente.

A Praça Sete serve como ponto de encontro de pessoas, onde elas param para conversar ou para disputar uma partida de damas. Em qualquer dia da semana, ficam pessoas sentadas nos bancos conversando ou esperando por alguém, como é o caso do Entrevistado 1, que costuma ir ao local para encontrar os amigos e saber das mais recentes notícias.

Ao serem questionados sobre o motivo de irem à Praça Sete, três dos entrevistados responderam “encontrar amigos”, três disseram que “é meu caminho diário” e dois mesclaram as respostas “encontrar amigos” e “é meu caminho diário”.

A Praça Sete é um espaço cultural, e é também ponto de encontro de esquetistas, que ficam exibindo suas habilidades, e de roqueiros. É possível encontrar também índios vendendo artesanatos, *hippies* comerciando com bijuterias ou fazendo *tererê*... Como a Entrevistada 2 lembra, a Praça Sete é democrática: é “um lugar onde as pessoas podem, digamos, ‘colocar a boca no trombone’. É onde a população pode dar sua opinião, fazer manifestações”. Além disso, à noite, nos fins de semana, a Praça Sete fica agitada, pois várias pessoas se reúnem com os amigos nos bares e restaurantes, onde as mesas são colocadas no meio dos quarteirões fechados.

O entorno da Praça Sete é cheio de prédios altos, que ofuscam as áreas verdes. Já quase não dá para enxergar a serra do Curral. Ao fazer-se a observação presencial, percebeu-se que a maior parte das pessoas passa pela Praça sem observar o ambiente em volta — passa como se estivesse “no automático”.

Nos dias úteis, há um trânsito intenso de veículos circulando a Praça Sete. As pessoas, que antigamente andavam no meio da rua, agora preferem as calçadas, para não serem atropeladas pelo grande fluxo de carros, ônibus e motos. Em contrapartida, nos finais de semana, há uma quantidade razoável de carros passando nas avenidas sem congestionamento.

Como dito anteriormente, a área onde hoje é o Parque das Mangabeiras fazia parte da Fazenda do Capão. Nessa época, como se pode perceber na Imagem 4, só havia uma casa, rodeada por uma vasta área verde, com o solo totalmente permeável. Não aparece nenhum tipo de veículo ou veem-se pessoas, dando a entender que o ambiente era muito tranquilo.

Imagem 4: Área antiga do Parque das Mangabeiras — Data desconhecida



Fonte: Acervo Fundação de Parques Municipais.

Com a construção do Parque, em 1979, algumas áreas foram impermeabilizadas, como grande parte da Praça das Águas, e, apesar de rodeado pela vegetação, o solo é praticamente todo impermeável. Outras áreas são semi-impermeabilizadas, como nos locais onde se encontram as mesas e cadeiras das Ilhas do Passatempo, e, como se pode observar na Imagem 5, foram colocados tijolos, além das áreas onde se encontram os quiosques, em que o chão está pisoteado, tornando-o semi-impermeável.

Imagem 5: Construção da Praça das Águas (à esquerda) e trabalho dos operários nas Ilhas do Passatempo (à direita) — Data provável 1981



Fonte: Acervo Fundação de Parques Municipais

A maior parte do solo do Parque das Mangabeiras é totalmente permeável, com área verde por todos os lados. No interior do Parque, construiu-se um mirante, de onde se pode observar a vasta área verde em contraste com os arranha-céus da metrópole (Imagem 6). Em toda a área do Parque das Mangabeiras, há poucas construções, e todas são feitas de madeira. Os carros se acumulam principalmente no estacionamento e raramente passam carros pelas estradas, além do ônibus interno que trafega a cada meia hora.

No local, há poucas pessoas circulando; a maioria observa o ambiente, a paisagem e tira fotos. Houve uma diversificação nas respostas dos entrevistados ao serem questionados sobre o motivo da ida ao Parque das Mangabeiras. O Entrevistado 1 foi apenas uma vez ao Parque, há aproximadamente vinte anos, e disse que já tinha ouvido falar do Parque e foi até lá para conhecer; a Entrevistada 2 frequenta o Parque para lazer e namorar; o Entrevistado 3 afirma que vai para paquerar e “curtir a natureza”; e o Entrevistado 4 deu as razões de ir ao Parque: “é um lugar onde [sic] me traz muita calma e paz. Porque quando eu estou lá eu me sinto mais próximo da natureza, para fugir do ambiente urbano”.

Imagem 6: Mirante da Mata — 2011



Fonte: Acervo Fundação de Parques Municipais. mAutor: Celso Santa Rosa.

9. Conclusão

Ao fazer-se uma análise dos resultados obtidos, verificou-se que os moradores entrevistados têm consciência da importância da preservação e conservação das áreas verdes — o que é importante, pois, como foi dito, uma população consciente colabora mais com a preservação e conservação das áreas, beneficiando também o turismo, pois se torna possível utilizar o local para atrair turistas.

Em relação ao ambiente da Praça Sete, houve uma divergência de opiniões entre os entrevistados: um dos voluntários disse que achava o local tranquilo, ao contrário dos outros entrevistados e do que se pôde observar. E, sobre o Parque das Mangabeiras, todos os entrevistados concordaram com o que se viu no local.

A maior parte dos entrevistados sentia-se incomodada com o ambiente da Praça Sete e todos conseguiam perceber a tranquilidade do Parque das Mangabeiras. Assim, pode-se concluir que o ambiente proporcionado pelo Parque pode amenizar a sensação de urbanização de Belo Horizonte.

Verificou-se, também, que, durante o processo de metropolização de Belo Horizonte, várias mudanças ocorreram na paisagem da cidade. Houve uma rápida expansão do perímetro urbano, aumentando, assim, o número de construções e, conseqüentemente, diminuindo o de áreas verdes.

Na Praça Sete, refletem-se essas mudanças em objetos e formas. Durante o período em que os fícus embelezavam a Avenida Afonso Pena, era possível perceber que se tentara arborizar o local. Porém as “árvores frondosas” não duraram muito tempo e, quando foram cortadas e outras foram plantadas no lugar, o ambiente ficou ainda menos arborizado do que antes do plantio — pois, antes, o solo era semi-impermeabilizado e, atualmente, é completamente impermeabilizado. Houve também um grande aumento no número de pessoas e de carros circulando na Praça Sete e a verticalização das construções, que antes eram casas baixas e, hoje, são arranha-céus, ofuscam as áreas verdes da cidade.

Já no Parque das Mangabeiras, houve poucas mudanças em objetos e formas durante o processo de expansão de Belo Horizonte. Como a área onde foi construído o Parque era uma fazenda, grande parte do ambiente era vegetado e, quando o Parque das Mangabeiras foi construído, poucas áreas foram impermeabilizadas. Embora tenha aumentado o número de pessoas e de carros no local, ainda é pouco em comparação com a Praça Sete.

Analisando-se os benefícios da preservação e da conservação das áreas verdes e as respostas dos entrevistados, verificou-se que as áreas verdes proporcionam ao local um ambiente mais agradável, e a boa aparência da cidade causada por essas áreas, além de agradar à comunidade autóctone, agrada também aos turistas. Além disso, como foi dito, as áreas verdes preservadas são ótimos atrativos de turistas. Com isso, conclui-se que a manutenção e a conservação das áreas verdes podem influenciar no fluxo de turistas a Belo Horizonte.

Crê-se que, por meio deste artigo, pode-se contribuir para a sensibilização da população sobre a importância da preservação e da conservação das áreas verdes. Os resultados da pesquisa podem ser utilizados também para o *feedback* da cidade de Belo Horizonte, ajudando a Prefeitura no planejamento ambiental da cidade.

Existem poucos estudos relativos à relação entre o turismo e as áreas verdes urbanas. Por isso, para estudos futuros, recomenda-se fazer uma pesquisa mais elaborada com turistas para que se possam obter dados mais precisos da influência das áreas verdes urbanas no fluxo de turistas nas grandes cidades.

10. Referências

- BELO HORIZONTE. **Apresentação**. Disponível em:
http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=6766&lang=pt_BR&pg=5521&taxp=0&. Acesso em: 16 nov. 2010a.
- _____. **Histórico**: Histórico do Parque. Disponível em:
http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=15536&lang=pt_BR&pg=5521&taxp=0&. Acesso em: 16 nov. 2010c.
- _____. **Parque das Mangabeiras**: Viva a natureza em Belo Horizonte. Belo Horizonte: [s.l./s.ed.], 2000-b (Folder).
- _____. **Parques Municipais**. Disponível em:
<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=8263&lang=pt_BR&pg=5521&taxp=0&>. Acesso em: 16 nov. 2010b.
- _____. Prefeitura Municipal. **Fundação de Parques Municipais**: Parques Municipais — patrimônio ambiental de Belo Horizonte. Belo Horizonte: [s.l./s.ed.], 2000-a (Folder).
- BELOTUR. Empresa Municipal de Turismo. **Belo Horizonte**: a capital do século XX. Disponível em: <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/por/a_cidade_historia2.php>. Acesso em: 25 set. 2010.
- _____. **Belo Horizonte**: no coração do Brasil. Disponível em: <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/por/a_cidade_bh.php>. Acesso em: 25 set. 2010.
- _____. **Economia**: Belo Horizonte: o cenário econômico e financeiro também é uma beleza. Disponível em: <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/por/a_cidade_economia.php>. Acesso em: 25 set. 2010.
- BENINI, Sandra Medina. **Áreas verdes públicas**: a construção do conceito e a análise geográfica desses espaços no ambiente urbano. Presidente Prudente: UNESP, 2009. 283 p. Dissertação (Mestrado) — em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2009.
- DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente**. 3.ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- HILDEBRAND, Elisabeth; GRAÇA, Luiz Roberto; MILANO, Miguel Serediuk. Distância de deslocamento dos visitantes dos parques urbanos em Curitiba-PR. **Floresta e Ambiente**, Rio de Janeiro, vol. 8, n.01, p. 76 -83, jan./dez. 2001.

LOBODA, Carlos Roberto; ANGELIS, Bruno Luiz Domingos de. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Ambiência** — Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, Guarapuava, PR, vol.1, n.01, p. 125-139, jan./jun. 2005.

MARCONI, A. M.; LAKATOS, M. E. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARQUES, Robson dos Santos. Região de Belo Horizonte e a urbanização: notas sobre uma dinâmica imobiliária. In: MEDEIROS, Regina (org). **Permanências e mudanças em Belo Horizonte. Belo Horizonte**: PUC-Minas: Autêntica, 2001.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **Belo Horizonte**: a cidade planejada e a metrópole em construção. In: _____ (org.) Belo Horizonte: espaços e tempos em construção. Belo Horizonte: CEDEPLAR/PBH, 1994.

MTUR. Ministério do Turismo. **Destinos**: Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.turismobrasil.gov.br/promocional/destinos/B/Belo_Horizonte.html>. Acesso em: 10 out. 2010.

POLASTRI, Maria Helena Tavares; PEIXOTO, Lúcia Helena Silveira. **Geografia e história de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Santa Edwiges, 1985.

QUADROS, Lorena Sérgio de; FREI, Fernando. Percepção ambiental dos residentes da cidade de Assis-SP com relação à arborização viária da avenida Rui Barbosa. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana — REVSBAU**, Piracicaba-SP, vol.4, n.o 2, p. 16-34, 2009.

RODRIGUES, A. J. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Vanice; CANDELORO, Rosana J. **Trabalhos acadêmicos**: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: AGE, 2006.

SCARLATO, Francisco Capucino. População e urbanização brasileira. In: ROSS, Jurandy Luciano Sanches (org). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.

Elisa de Assis Rocha

Bacharel em Turismo (Faculdade Estácio de Sá). Turismóloga.
Rua Agenor Alves, 118-Nazaré- Belo Horizonte/MG
elisa.assisrocha@gmail.com

Tiago Tadeu Abjaud

Geógrafo (PUC/MG), Especialista em Estudos Ambientais (PUC/MG). Diretor de P&D da Geografize Soluções Ambientais.
Professor do Curso de Turismo da Faculdade Estácio de Sá (BH/MG) e coordenador de projetos de pesquisa.
Rua Zodíaco, 77-Santa Lucia - Belo Horizonte/MG-CEP: 30360-430
Tiago.abjaud@gmail.com